

# SUPLEMENTO LITERÁRIO

# 516

JORNAL DE NOTÍCIAS \* 31 — JANEIRO — 1964



## CARDOSO PIRES:

Cardoso Pires faz parte de um certo tipo de escritores que atingem o universalismo: a sua ficção ultrapassa os usuais problemas do umbigo. Tema actual é a libertinagem, a que, segundo parece, ele concede uma outra dimensão, que já não é Francisco Manuel de Melo, sem atingir contudo Vailland. Afirmção que por si não constitui juízo de valor.

Uma obra que percorre uma diversidade de caminhos, e que finalmente atinge o tom desejado: é «Caminheiros» e o «Anjo Acorado», que se prolongam até «O Hóspede de Job». A recusa do regionalismo, lhe chama ele. Regionalismo como tabú.

Concretamente (e resumindo): o aproveitamento de uma certa tradição literária, que é nossa (ele assim o pretende), que ganha o tom de continuidade (e de modernidade) que caracterizam toda a obra de Cardoso Pires.

— Em nossa opinião o conto «Week-End» situa-se na linha de «O Anjo Acorado»; uma outra linha surge a partir de «Caminheiros», por exemplo. Quer-nos dar uma ideia de como concilia o tom cosmopolita (perdoe-me o termo) do primeiro com as características temáticas do segundo?

— A observação é hábil e pertinente. E a resposta difícil de resumir em duas linhas. Em todo o caso, talvez seja esclarecedor atender a que os contos de Jogos de Azar foram escritos em duas épocas diferentes e publicados, pela primeira vez, em dois volumes diferentes. Numa parte deles («Caminheiros», «Carta a Garcia», «Estrada 43»,

etc.), o que está em jogo é o sentido primário da existência, o pão e a mesa, a questão elementar do homem ou do sub-homem. Nos outros («Week-End», «Uma Simples Flor», etc.) a interpretação da realidade desenvolve-se a uma latitude superior — a das relações sentimentais, precisamente.

Estas últimas são histórias de amor (ou de desencontro no amor, se preferir) localizadas em tempo e em lugar precisos. Representam situações significativas, como faces de um poliedro cujas linhas de estrutura interna condicionam não só as relações sentimentais mas também a presença colectiva do homem em todas as suas manifestações essenciais. Esta intenção é, de resto, evidenciada com grande felicidade em dois livros recentes de dois poetas da minha preferência: Egito Gonçalves e António Reis.

### O libertino, herói de crise...

— Libertinagem — assunto a que tem dedicado muita atenção, desde uma «Cartilha do Marialva», passando pelo prefácio a «Drôle de Jeu», de Vailland, incluindo parte dos seus contos e ainda «O Anjo Acorado»: o que significa concretamente na sua ficção a realidade libertina?

— Libertino, como herói de crise, como privilegiado em determinado grau de uma sociedade em desagregação, é um elemento aristocrático (intelectualmente, sobretudo) que podemos reconhecer em muitos exemplares do nosso xadrez social. É um produto da Grande

### «A ANÁLISE AO MARIALVISMO É UM INSTRUMENTO PARA TOMAR PULSO AO UNIVERSO DAS RELAÇÕES HUMANAS»

Europa que tem reflexos episódicos nos nossos meios da inteligência e pouco mais... Mas é ele que dá, por confronto directo no dia a dia da burguesia, o primitivismo do marialva e as suas reacções ao Progresso. Os dois tripulantes da barca condenada encaram o mundo com olhos diferentes...

É certo que João, protagonista de «O Anjo Acorado», tem alguma configuração libertina mas não creio que noutra livro meu se levantem resquícios dessa mentalidade. De marialvismo, sim. Até porque é mais típico e socialmente mais válido do ponto de vista nacional.

— Marialvismo: em que medida este problema levantado no seu ensaio pode ter repercussão na sua obra de ficcionista?

— Uma análise do nosso quotidiano através dos resíduos da moral medieval, da desigualdade da mulher e das concepções divinizantes da hierarquia — uma análise, em resumo, daquilo que designei por marialvismo é um instrumento, como qualquer outro, para tomar o pulso ao universo das relações humanas. Sinais dessa preocupação encontravam-se já em «A Rapariga dos Fósforos» e no «Ritual dos Vampiros» (conceito de machismo) quando ainda não sonhava sequer em dar corpo às reflexões donde sairia a «Cartilha do Marialva».

### ...ou «marialva» ao contrário

— Ainda sobre o mesmo assunto, acha-se na linha iniciada por um D. Francisco Manuel de Melo ou do Cavaleiro de Oliveira?

— D. Francisco Manuel fez, como sabe, na Carta de Guia o elogio sabroso e satisfeito das inferioridades da mulher. — Pedra de toque para avaliar todo o marialva de ontem e de hoje. Por seu lado, o Cavaleiro de Oliveira não tem literariamente estofos para se lhe opor. É um cripto-libertino ou pouco mais, e de projecção reduzida. Aprende-se, neste campo, mais com o primeiro por contradição do que com o segundo por simpatia...

Depois, é necessário estar-se precavido contra as seduções de uma descoberta. A ânsia de comprovar um caminho pessoal, exclusivo, leva a apropriações excessivas. O libertino, tal como o redescobriu Vailland, teve

a sua época de ouro. As manifestações dessa mentalidade são hoje mais de atitude psicológica do que de papel social, e a única coisa que resta agora é desmistificá-los por desactualizados e inoperantes. (Ou descobrir-lhes o «marialvismo ao contrário» que há em muitos deles...)

Foi isso que fez Roger Vailland, dir-me-á. E eu respondo: nem sempre. Porque o jogo privado, quase umbilical, a que ele se dedicou com os seus deuses libertinos (basta ler «La Fête») levou-o à estagnação. Aqui o criador da fera enamorou-se dela e acabou hipnotizado...

### «O hóspede de Job» como recusa do regionalismo

— De «O hóspede de Job» pode dizer-nos em que medida continua a linha da sua ficção anterior?

— O hóspede de Job foi escrito há dez anos e retomado em quatro versões distintas. Tematicamente afasta-se bastante dos meus últimos livros e daqueles em que agora estou trabalhando mas, formalmente e pela concepção de narrativa, aproxima-se talvez de «O Anjo Acorado». Se me é permitido, direi que foi minha obsessão (e prazer) trabalhar uma realidade por natureza dotada de expressão regionalista, despojando-a disso mesmo, recusando-lhe o colorido para, em contrapartida, a transfigurar à custa de uma linguagem e de uma simplicidade «erudita».

— A sua peça «O Renter dos Heróis» surge a par da «Cartilha do Marialva» num tom muito diferente, embora com objectivos diversos da sua restante obra. Interessa-nos entretanto saber se, como alguém apontou já, se poderá considerar uma certa influência brechtiana nesse seu livro.

— A influência é inegável. Brecht é dos dramaturgos contemporâneos que melhor conheço e que mais vezes vi representado. Mas suponho que a presença de Gil Vicente não é de todo alheia à peça. Além disso, como ninguém nasce de geração espontânea, não sei aonde, depois de Mestre Gil e do Judeu, se vá descobrir uma tradição de teatro moderno em Portugal...

JOSÉ NOGUEIRA GIL



José Cardoso Pires, autografando, em 25 do corrente, o seu último romance — «O hóspede de Job» — na Livraria Divulgação do Porto